

## Miguel Soares diz que ensino superior português tem "baixo nível de qualidade"

Investigador do ICG falou no Fórum da Sociedade Luso-Americana dos Pós-graduados, no Canadá

2012-04-16



Miguel Soares foi 'Seed of Science' em Ciências da Saúde

O investigador Miguel Soares, do Instituto Gulbenkian de Ciência em Portugal, considera que as universidades portuguesas prestam uma formação de baixo nível de qualidade aos alunos. Doutorado na Bélgica e antigo leitor na universidade de Harvard, nos EUA, fez estas declarações, no sábado, num painel do fórum da Sociedade Luso-Americana dos Pós-graduados (PAPS, na sigla inglesa), que decorreu na Universidade de Toronto, Canadá.

Subordinado ao tema «O renascer português: uma década de crescimento científico e cultural», o 13º fórum da PAPS, que junta alunos de pós-graduações universitárias e profissionais lusos no continente norte-americano, contou com as presenças do Embaixador de Portugal no Canadá, Pedro Moitinho de Almeida, e do cônsul português em Toronto, Júlio Vilela.

Na abertura do encontro, o diplomata exortou a comunidade portuguesa a prosseguir os estudos e a melhorar as qualificações profissionais, apontando que "a realização deste fórum é um exemplo de que os portugueses podem fazer pós-graduações nas melhores universidades e trabalhar nas melhores multinacionais".

Explicitando o alerta que fez durante a sua intervenção, Miguel Soares, premiado com um Seed of Science em Ciências da Saúde (2011), vincou que, após a revolução de 1974, "Portugal conseguiu a massificação da educação, mas o nível de qualidade que existe nas escolas é baixo. As pessoas saídas das universidades não têm competitividade. Não há excelência. Não admira a elevada taxa de desemprego junto da população jovem". Acrescentou que "para existir formação de alto nível há que mudar as universidades. E isso faz-se desde logo trazendo os melhores professores do mundo para formar as melhores pessoas do mundo".



O investigador notou que continua a verificar-se a fraca ligação entre os pólos científicos e a indústria, o que faz com que exista uma maior dependência do financiamento do Estado, para além de limitar a aplicação de inovações científicas junto das empresas.

Outro orador presente na sessão sobre «Inovação», Cláudio Sunkel, director do Instituto de Biologia Molecular e Celular (IBMC), da Universidade do Porto, frisou que “a excelência custa muito dinheiro”, e revelou que, apesar da grave crise financeira vivida em Portugal, a sua instituição decidiu este ano não cortar o investimento para a investigação.

Tiago Forjaz, fundador da Fundação Talento, um dos convidados a falar sobre empreendedorismo, referiu à Lusa o seu empenho em “promover o talento dos portugueses em todo o mundo e em todas as áreas de atividade”.

Apoiada numa rede social – «The Star Tracker» – com 35 mil membros em 250 cidades do mundo, esta fundação, ainda em fase de formalização legal, mantém a parceria com a Fundação Calouste Gulbenkian no projeto «Ideias de origem portuguesa», lançado em 2010.

“É notório que na última década a tecnologia ajudou a transformar a capacidade de partilhar os conhecimentos através das redes digitais”, observou Forjaz. Porém, indicou, “continua a ser desejável uma maior ligação entre a investigação e a indústria. Devido à crise, as universidades não terão grandes opções que não sejam abrirem-se às empresas”, concluiu.

Durante este encontro foi anunciado o vencedor do prémio PAPS-LBC Leadership de 2011, o qual foi atribuído a Pedro Reis, actualmente professor assistente no MIT - Massachusetts Institute of Technology. Foi a primeira vez que o fórum da PAPS se organizou no Canadá, tendo nas edições anteriores decorrido em cidades dos EUA.

“A maior parte dos membros da PAPS está nos EUA porque é um reflexo dos programas de intercâmbio com as universidades americanas. No Canadá temos 14 núcleos de portugueses em várias cidades. Essa é uma razão porque escolhemos a organização no Canadá, para darmos uma maior visibilidade”, disse Ricardo Vidal, presidente executivo da associação.